

Maria Madalena no Cristianismo Primitivo

Ana Pinheiro dos Santos¹

Resumo

Seguindo a proposta do grupo de pesquisa “*Expressões religiosas minoritárias do cristianismo da Galiléia e Egito*” do Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia, esta pesquisa contextualizou a vida mulher no mundo greco-romano e palestinese. Para então falar especificamente do papel de Maria Madalena no cristianismo primitivo utilizando os escritos gnósticos de Nag Hammadi e o Evangelho de Maria Madalena.

Palavras-chave: *Mulher, cristianismo primitivo, apócrifos, gnosticismo*

Durante séculos a mulher luta para reconquistar seu espaço na história. Uma desigualdade imposta por um modelo de sociedade que a determinou como um ser frágil, que veio ao mundo para dar continuidade à raça humana. Com os ideais de liberdade trazidos pelos gregos no I século a.C., a mulher passou a viver uma situação diferente, demonstrando sua força na sociedade. Porém, na Igreja há uma inversão e a mulher perde sua liberdade, a condição de falar e dirigir até desaparecer completamente no século IV d.C.

Ao falar da tradição de Maria Madalena no Cristianismo Primitivo significa trazer ao século XXI uma reflexão sobre a presença da mulher na igreja, não somente como cooperadora e num papel secundário, mas assumindo o chamado e a responsabilidade de apóstola e discípula para proclamar o Reino de Deus. Esse foi papel de Maria Madalena no Cristianismo Primitivo, que Igreja tentou abafar.

A Origem do Cristianismo Primitivo

Falar do cristianismo primitivo, muitas vezes nos leva a uma imagem construída pelo papel que Constantino teve no início do século III e IV. Mas resgatando a origem do cristianismo, compreendemos não aconteceu uniformemente, com apenas uma estrutura

¹ Teóloga, integrante do grupo de pesquisa Expressões Minoritárias do Cristianismo na Galiléia e Egito, da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia, o orientador desta a pesquisa que contou com o apoio do CNPQ – PIBIC, em 2006.

institucional e corpo doutrinal, e uma diversidade posterior. Diferentemente do nosso imaginário, os primórdios do cristianismo a diversidade era freqüente e com tendências variadas, de onde surgiram os modelos diversificados de Igreja.

Conforme Pablo Richard, comete-se dois erros na construção do cristianismo. O primeiro é o de ordem cronológica - baseia-se numa interpretação distorcida dos quatro evangelhos. E o segundo de ordem geográfica - baseia-se numa interpretação errônea dos Atos dos Apóstolos. Essa visão distorcida da origem do cristianismo, orientada para o Ocidente, exclui três áreas importantes: a Galiléia, a Samaria e o sul da Síria, o lugar mais antigo e fundamental das origens do cristianismo. Além desses, o norte da África, como a Etiópia, Cirenaica e Líbia.

Herdamos de vários tipos de cristianismo, porém, o que prevaleceu foi o apostólico e através dele norteou-se diversas linhas de pensamento oficializando como canônico. Os que não estavam de acordo com o pensamento oficial apostólico, tinham a opção de se adequar a ele ou marginalizar-se. (Faria, 2004:12).

A ressurreição de Cristo foi o fundamento da origem do cristianismo. Ela deu unidade e sentido teológico da origem histórica do cristianismo. Nos textos canônicos as reflexões teológicas sobre a ressurreição, são feitas a partir de experiência vivida. A mensagem da ressurreição de Cristo dos evangelhos está presente em todas as tradições. No evangelho de Marcos a corporeidade do ressuscitado é representada pelo sepulcro vazio. Em Mateus e João, Jesus aparece primeiro a Maria Madalena, e à outra Maria.

Em Lucas, Jesus aparece aos discípulos no caminho de Emaús. Nos escritos de Paulo, Jesus aparece a Pedro, aos Doze, a quinhentos irmãos, a Tiago e aos apóstolos. Maria Madalena é excluída. Na tradição de Mateus e João ela aparece em primeiro lugar. Nesses relatos, acentua-se a corporeidade do Cristo ressuscitado. Jesus apresenta-se de carne e ossos e pode ser tocado, além de alimentar-se com os discípulos. No evangelho de João Jesus pede que Maria Madalena não lhe toque, diferente de Mateus onde as mulheres o abraçam. Ao encontrar-se com Tomé, Jesus insiste na sua identidade e corporeidade Jo 20.24-29. “A presença física representa a identidade e a continuidade do Cristo ressuscitado e o Jesus de Nazaré”, (Richard, 1995: 7-21). Na tradição gnóstica a visão messiânica e revolucionária que o cristianismo defendia não tinha importância. Para os gnósticos a encarnação de Jesus era aparente, a abstinência sexual e a virgindade

levavam a salvação. Além disso, o sofrimento de Jesus na cruz não poderia salvar aos que aderissem à Igreja de Cristo. A salvação poderia ser atingida através da harmonia e da busca interior.

O Cristianismo na Galiléia e Síria

Para uma reconstrução do cristianismo anterior a 70 d.C. na Galiléia, utilizaram-se os ditos de Jesus, a *Fonte Q* e o Evangelho de Marcos. Além, de uma possível redação primitiva do Evangelho de Tomé, realizada na Galiléia antes de 70, influenciada pela *Fonte Q*. Isso faz emergir a origem do cristianismo na Galiléia nos primeiros 40 anos. Como disse B.L. Mack citado por Pablo Richard, a última parte estudada dos documentos de Q nos remete após os anos 70 d.C., já que o documento entra na composição dos evangelhos de Mateus e Lucas.

Entre os movimentos que surgiram nos primeiros séculos d.C. estava o gnosticismo inspirado nas culturas gregas e egípcias. Vários cristãos foram atraídos por esse movimento. A interpretação do evento Jesus influenciou o modo que concebiam a vida. Os gnósticos acreditavam na presença divina em cada pessoa. Por isso, não aceitava instituição formada pelo ser humano. Para eles não havia necessidade de mediação eclesiástica para relacionar-se com Deus. Os gnósticos por entenderem o evento Cristo diferente, por volta de 381 d.C. foram condenados como hereges.

Os cristãos ortodoxos e os judeus rejeitaram o gnosticismo. Os judeus não compreendiam um conhecimento abstrato. Para eles, a Torá era a fonte de todo conhecimento. Para os cristãos chamados de gentios, Jesus era a Torá encarnada. Os Evangelhos na sua narrativa tentam dar uma resposta ao grupo que pensavam que a vida terrena de Jesus não era relevante. Uma briga teológica sobre o perfil de Jesus que perdurava desde 50 d.C. comenta o frei Jacir de Freitas.

Os gnósticos

A palavra *gnóstico* em seu sentido mais restrito é o nome dado a uma seita cristã, os *gnostikoi*, ou *gnósticos*. Eles atuaram da metade do século II d.C. Tinha o grego como sua língua base, assim como o cristianismo. Não é possível dizer o momento que surgiu, mas Irineu fala dela em 180 a.C. Cresceram entre os séculos III e IV d.C. quando o

imperador Teodósio I reconheceu o cristianismo como religião do Império Romano. Desde então foram considerados hereges.

O sentido de *gnósis* vem da palavra grega *gnostikos* que remonta a Platão. Significa algo como capaz de alcançar conhecimento. Esse termo era aplicado às disciplinas de estudo, faculdades humanas e capacidades. Os escritos *gnósticos* descrevem a salvação pela palavra grega *gnósis*. Ser *gnóstico* era ter a capacidade de atingir *gnósis*. A palavra *gnósis* era comum entre os gregos, e significava conhecimento ou o ato de conhecer. Entretanto, havia dois tipos de conhecimento. O primeiro era concebido como algo verdadeiro, representado pela palavra *eidenai*, o mesmo que *saber* em português. E o segundo tipo de conhecimento era familiar a um objeto ou pessoa. Para esse tipo de conhecimento utilizava-se a palavra *gignoskein*, o mesmo que *conhecer* em português. E o substantivo correspondente em grego é *gnósis*. O que nos permite concluir que uma pessoa que apresentava Deus teria *gnósis* de Deus. Os *gnósticos* descreviam a salvação como *gnósis* ou conhecimento de Deus.

O gnosticismo influenciou o cristianismo nos seus primórdios, 70 d.C. e estendeu até o século VIII. Tinha diversas ramificações, na Palestina, Ásia Menor, Egito, Síria, Arábia, Pérsia e Roma. O teólogo de maior expressão e que divulgou esse pensamento foi Valentino. Eles negavam o corpo, pois entendiam aprisionava a alma, à qual deveria ser libertada. Jesus era o maior exemplo de gnóstico perfeito. As mulheres tinham participação ativa nesses grupos, como mestras, sacerdotisas, mesmo vivendo sob a influência da filosofia da época, que dizia que a matéria criada era feminina, portanto má. A soteriologia que era concedida através da harmonia e da busca interior. Nesse caso, não era necessário às instituições com suas práticas ritualísticas. A salvação era pessoal.

Não há como comprovar de onde surgiu o gnosticismo. Mas por volta da metade do século IV, o cristianismo gnóstico era conhecido por vários nomes diferentes, indicando as diferentes linhas de pensamento, arcônticos, setianos e barbelitas, demonstrando ruptura entre eles. Layton Bentley, afirma que o cristianismo gnóstico é identificado de gnosticismo setiano, pois entendiam que Set, filho de Adão, um ancestral e protótipo do gnóstico individual.

Os escritos religiosos

Todos os escritos religiosos adotados por membros de uma religião ou grupo é considerado como autoridade dessa religião ou grupo. Neles são consideradas

autoridades os assuntos como: crença, comportamento, retórica, ou condução de questões práticas. Há também um sistema simbólico que orienta os leitores e que dá sentido à sua relação com o mundo, o divino e as outras pessoas, (Bentley, 2002: XVII – XVIII).

Para os judeus essa autoridade estava na Torá. Após o evento da morte e o início da fé na ressurreição de Cristo, os cristãos e cristãs mudam a maneira de ler esses livros. A interpretação parte da vida e a morte Cristo. Dessa maneira, os primeiros cristãos passaram a escrever textos que expressavam as inspirações de interpretes e líderes da religião. Esses textos tinham diversas finalidades e pertencem aos séculos I, II e III d.C. Alguns são específicos como as cartas de Paulo a Filemon. Diante da diversidade existente no cristianismo primitivo alguns desses escritos entravam em conflitos com outros, demonstrando diversidade religiosa por volta dos anos trinta.

No seu início o cristianismo era formado por uma rede complexa de partidos, grupos, seitas ou denominações, além disso, havia as diferenças culturais, sociais, tradições teológicas, quanto à importância de Jesus. Tudo isso refletia as diferentes filosofias e sistemas simbólicos, sob os quais, os autores poderiam basear seu pensamento religioso. É nesse contexto que entra a literatura gnóstica, que possuía seu sistema de símbolo particular. Os gnósticos se rebelaram contra os cristãos primitivos e os judeus, por acreditarem na bondade e onipotência do Criador.

Para eles, o criador do mundo foi satã. Desta forma, o gnosticismo assume a ambigüidade de ser uma religião cristã e anticristã. Diante de tantos escritos que apareceram no Império Romano, devido à facilidade de locomoção dos fiéis de uma cidade para outra, os líderes de comunidades elaboraram seus próprios escritos, que eram aceitos ou não em outras comunidades. Por volta do ano 200 d.C. no Império Romano, encontrava-se uma variedade de cânones, que refletia os costumes locais. Em Roma, 145 d.C., o cânon de Marcião, em Alexandria, a Torá, o Novo Testamento e o Evangelho dos Hebreus. Na Mesopotâmia, o evangelho de Tomé e o Diatessaron. Outro detalhe importante é que toda a região lia os evangelhos, juntamente com o evangelho de Tomé, em duas línguas, permanecendo até o século V.

Das histórias orais ao texto escrito

Elisabeth Fiorenza, declarou que o cristianismo primitivo começou com um “discipulado de iguais” e terminou com a subordinação das mulheres. E um dos motivos

desta mudança de status da mulher foi à transição do cristianismo de movimento oral para movimento dependente da autoridade de textos escritos. Com o movimento oral as mulheres e as outras pessoas marginalizadas participavam como líderes. O movimento era fundado na autoridade oral, e dentro de uma cultura oral. Mas a partir do século II, a confiança passou para os textos e se tornou um cânon fixo, o NT. Nesse processo de escrever e de autorizar textos, as vozes e as histórias femininas foram omitidas e marginalizadas. Essa mudança resultou na perda das histórias femininas e na distorção e minimização das tradições de mulheres que sobreviveram ao texto escrito.

No mundo antigo a comunicação manuscrita tinha resíduos de oralidade, (Bentley, 1982: 158). Na bacia do Mediterrâneo, apenas 2% a 4% da população sabiam ler e escrever. William Harris comenta, que no máximo 15% da população urbana do sexo masculino sabiam ler e escrever, sendo que nas aldeias esse número era menor. Os homens e algumas mulheres da elite sabiam ler e escrever, todavia não representavam as primeiras gerações de cristãos/ãs. A escrita era utilizada para cartas, registrar transações financeiras e dívidas. Os pobres quando precisavam de algo escrito contratava um escriba. Portanto, não saber ler e escrever não constituía empecilho econômico-social para a população. A informação e tradições culturais eram transmitidas por contadores de histórias iletrados. Contar histórias era uma atividade comum e ocorria em vários contextos. Além disso, as histórias não eram fixas, mas adaptadas aos ouvintes e contextualizadas por eles/as. As histórias refletiam o lugar social de mulheres e homens.

Os cristãos/ãs contavam histórias, os homens e as mulheres. Diversas tradições cristãs primitivas surgiram da atividade de mulheres que contavam histórias. O cristianismo primitivo nasceu oralmente. E nesse sentido, no contexto em que viviam, a autoridade oral tornava igualitário o espaço disputado entre homens e mulheres. Uma mulher iletrada não podia competir com homens instruídos. Mas, conquistava autoridade nas *ekklesias* através da palavra Rm 16; At 18. A autoridade baseada no manuscrito tendia ao elitismo. Ler e escrever era privilégio para alguns homens e poucas mulheres. Numa sociedade patriarcal a educação e os recursos financeiros estavam concentrados e limitados à maioria dos homens e poucas mulheres.

O cristianismo começou oral, onde a liderança e a participação de homens e mulheres, estava aberta. O *status* social e o gênero não eram levados em consideração. A tradição escrita passou a controlar o conteúdo da tradição oral. Essa mudança que ocorreu no cristianismo primitivo no século II, foi uma das maneiras encontradas para

subordinar as mulheres a igreja e apagar da memória a vida de discípula e apóstola como a de Maria Madalena, (Dewey, 1988: 31).

A figura de Maria Madalena

*Eu sou a primeira e a última. Sou a honrada e a menosprezada
Sou a prostituta e a santa. Sou a esposa e a virgem
Sou aquela cujas núpcias são esplendidas, e não tive marido,
Sou a estéril cujos filhos são numerosos.*

Poema Gnóstico O trovão, a mente perfeita.

Maria Madalena é conhecida no imaginário e na tradição ocidental popular como a prostituta arrependida, a adúltera que Jesus salvou das mãos dos homens que queriam apedrejá-la e a pecadora cujas lágrimas lavaram os pés de Jesus em preparação para sua sepultura. Não há no Novo Testamento ou na literatura cristã primitiva indícios que comprovem tais atos. É pensando no ambiente sócio-cultural existente no período do I século d.C. em relação às mulheres, que a frase de Lucas adquire importância, quando indica que a presença de mulheres seguindo Jesus é fundamental para o grupo. Elas doavam seus bens e rendas para manter Jesus e os discípulos.

Quando imaginamos essas mulheres possuindo recursos próprios, pressupomos independência e maturidade. Hipótese levantada com a mãe de Tiago, o apóstolo Mc 15.40. Não há nesses textos indicações de que Cristo considerava a contribuição das mulheres inferior à dos discípulos. Cristo não se interessava pelas convenções de sua época, diz Sebastiani. Ele tinha o desejo de mudar as tradições sociais de sua época, e isso era expresso no tratamento que dava as mulheres. Naquele tempo não havia discípulas itinerantes acompanhando outros pregadores.

O que sabemos sobre Maria Madalena?

Maria Madalena veio de Mágdala, cidade localizada junto ao mar da Galiléia, centro de comércio que fazia parte de uma rota internacional, onde as pessoas de todas as religiões e costumes encontravam no mercado, um lugar próspero, em que se comercializavam peixe salgado, tecidos tingidos e produtos agrícolas. A comunidade era tolerante, na qual as culturas judaica e helenística eram conhecidas a fundo. Tinha uma

localização estratégica, numa região que sofria muito com ocupação romana e com a revolta que esta causava. Ali a natureza era rica e pródiga.

Mágdala não é mencionada no Novo Testamento. É o lugar para onde Jesus e seus discípulos se dirigiram em travessia, depois de alimentarem quatro mil pessoas com sete pães e alguns peixes. E os fariseus pediram a Jesus um sinal dos céus. Isto nos permite concluir que havia escribas nessa cidade e acessível por barco. Pela literatura rabínica está localizada próxima a Tiberíades, junto ao lago da Galiléia. Para Esther de Boer, Mágdala poderia estar localizada em Mejdal nos dias de hoje. Encontramos dados que afirma a existência de sinagoga, uma escola destinada à explicação e aplicação das Escrituras. Mâgdala era uma cidade comercial situada numa rota internacional, onde pessoas de todas as regiões e costumes se encontravam no mercado. Um lugar próspero que convivia com a violência da revolta política permanente.

O que os evangelhos dizem que Maria Madalena seguia Jesus, que esteve presente na crucificação, testemunhou, de acordo com o Evangelho de João da ressurreição sendo a primeira com a missão de proclamar a mensagem de Cristo. Ela foi portadora da notícia de que, Cristo havia ressuscitado. Normalmente as mulheres nos evangelhos são lembradas como mãe, mulher e filha de alguém, um costume da sociedade patriarcal. Entretanto, ela aparece sem pertencer a nenhum homem.

Pelos evangelhos não é possível descrever sua vida familiar. Não podendo descrevê-la como uma mulher jovem ou solteira, viúva ou repudiada. Ou se preferiu ficar solteira como algumas mulheres influenciadas pelo helenismo optando pela liberdade. Tudo indica que possuía alguma riqueza. Após ser curada por Jesus, tornou-se sua discípula, e o acompanhava, com outros discípulos/as. Pela forma como é nomeada, parece que possuía uma situação familiar diferente em seu tempo. Maria era relacionada somente à sua cidade, Mágdala, de onde deriva o nome Madalena. É provável que fosse uma mulher solteira e independente. Ainda que as informações sobre ela sejam escassas, comparadas a outros personagens bíblicos, seu nome aparece mais vezes que outra mulher no Novo Testamento e, na maioria delas em primeiro lugar.

Maria Madalena nos Evangelhos Canônicos

Lílian Sebastiani, comenta que antes de descrevermos a presença de Maria Madalena nos evangelhos canônicos, é preciso esclarecer que os evangelhos foram

escritos por homens inseridos numa estrutura eclesial onde o poder pertencia a eles. Outro fator importante é o distanciamento do tempo. Esses escritos têm uma diferença temporal de no mínimo trinta anos, e o que eles escreveram são fatos registrados pela memória. Outro fator importante é a ideologia de cada evangelho, mesmo porque essas pessoas que relataram as estórias, não tinham uma idéia clara da personalidade e do papel que ela desempenhava.

Maria Madalena, é a figura feminina mais citada no Novo Testamento. Além disso, é personagem importante na cena da ressurreição de Cristo. No Evangelho de Mateus é mencionada duas vezes. Em Mt. 27.56, na cena da crucificação, é a primeira a ser nomeada entre as mulheres que acompanhavam Jesus desde a Galiléia. E em Mt. 28.1, no relato da ressurreição, quando Jesus aparece às mulheres e ordena que dêem a notícia aos apóstolos para seguirem à Galiléia, aparece em primeiro lugar.

No evangelho de Marcos é citada quatro vezes. Na cena da crucificação, em Mc. 15. 40-41 ela é identificada como uma das mulheres que seguiam Jesus desde a Galiléia, o seu nome está em primeiro lugar da lista. O termo *servir* foi traduzido do grego *diakonein*, que significa servir, assistir, tem a mesma função de diácono, demonstrando as funções atribuídas às mulheres no grupo de discípulos/as. Em Mc. 15.47, ela é apontada como testemunha do sepultamento. O relato da ressurreição no evangelho de Marcos é o que dá mais importância a Madalena. Em Mc. 16.1, ela sai para comprar aromas com outras mulheres para embalsamar Jesus. E em Mc. 16.9 Jesus aparece primeiro a ela.

Em Lucas é mencionada em Lc. 8.2-3 como uma das mulheres que seguiam a Jesus e o assistia com seus bens. Isso indica que as mulheres contribuíam com seus bens para que os pregadores itinerantes realizassem seu trabalho. Num ambiente sócio cultural hostil as mulheres, assistir Jesus com os bens, pressupõe independência financeira. Nos relatos da morte e sepultamento de Jesus, ela aparece como uma das discípulas que acompanhavam Jesus desde a Galiléia. Ela assistiu a crucificação e preparou os aromas e bálsamo para ungir o corpo do mestre. E por último, em Lc. 24.10, é a primeira a levar as *boas novas* da ressurreição. O evangelho de Lucas é o único que relata a presença de Maria Madalena desde o início do ministério de Jesus na Galiléia.

Logo depois, Jesus andava por cidades e aldeia, pregando e anunciando a boa nova do reino de Deus. Acompanhavam-no os Doze e algumas mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos e enfermidades: Maria chamada

Madalena de quem tinham saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes, Susana, e muitas outras que o serviam com seus bens (Lc 8. 1-3).

Citada juntamente com os Doze, parece que sua participação não é tão simples como se apresenta. Ela não está aí por acaso. Lilia Sebastiani confirma isso ao demonstrar a diferença de preposições *syn* e *meta* são utilizadas ao redigir um texto. Quando o autor utiliza a preposição *syn*, declarava que havia intimidade espiritual profunda, e *metà* significa algo ocasional e externo. É possível dizer que Maria Madalena tem um papel significativo para este grupo e para este evangelista. Ela não é uma pessoa que acompanha Jesus ocasionalmente, mas faz parte do seu dia-a-dia e do grupo itinerante. O evangelho de Lucas não diz com clareza o papel que essas mulheres desempenham. Porém, deixa a entender que está no mesmo nível que os Doze.

No evangelho de João, ela não aparece em primeiro lugar entre as mulheres que assistiram a crucificação de Jesus, Jo 19.25. Em Jo 20.1 quando é citada pela segunda vez, ela vai ao sepulcro de madrugada e encontra a pedra revolvida e avisa o que ocorreu a dois discípulos. Desta forma, ela se torna à figura principal do relato de Jo 20.11-18. Ela estava sozinha, chorando ao pé do túmulo. Primeiro vê dois anjos e depois o próprio Jesus, que conversa com ela. A história do cristianismo ocidental transformou-a em pecadora redimida. Os judeus entendiam possessão demoníaca como enfermidade, ausência de liberdade, além dos prejuízos morais. Situação bem diferente desempenhada por Maria Madalena. As curas nos evangelhos podem ser entendidas como atenção dada ao ser humano.

O adjetivo utilizado, *asthenés* se refere a uma pessoa insignificante, incapaz, sem crédito. A mulher, enquanto mulher, era *asthenés* no tempo de Jesus. Três séculos mais tarde, João Crisóstomo afirmaria que a "raça", o gênero feminino em seu conjunto é fraco e fútil, (Sebastiani, 1995: 22).

A relação entre *thepéuein* e *diakonéin* parece estreita em relação ao comportamento de mulheres que foram curadas por Jesus. A cura para Maria Madalena significou salvação integral, mudança de vida, libertação da escravidão. Somente quem sai da escravidão é capaz de utilizar a sua liberdade para o serviço, (Idem: 22). Não é possível saber o tempo da cura que obteve e a morte de Jesus. Mas, que esteve presente na vida pública de Jesus. Ela o segue até a sua morte. Os evangelhos de Mateus, Marcos e João, não mencionam a presença de mulheres seguindo Jesus, somente na crucificação. Os

Onze fugiram, permanecendo as mulheres, mesmo que o que testemunharam tenha sido visto com incredulidade.

Para Ivoni Reimer, a maioria dos exegetas interpreta esta afirmação de forma anti-judaica, ao dizer que os discípulos não acreditaram no relato, pelo fato de uma mulher trazer a informação, porque no judaísmo, as mulheres não teriam nenhum valor enquanto testemunhas. Ivoni diz que o descrédito não foi por serem mulheres, mas porque o evento que noticiavam era fantástico demais, apesar de ser esperado. Situação semelhante em acontece em At 12.14-15. Nos evangelhos há uma unanimidade em relação à crucificação de Cristo, Maria Madalena estava presente e foi testemunha.

Os Evangelhos Gnósticos

O retrato de Maria Madalena já existia no século II foi revelado numa extensa série de obras descobertas no Egito durante o século XIX. Nesses escritos atribui-se a ela um destaque entre os discípulos e discípulas. Os *Evangelhos Apócrifos Gnósticos*, relatam a posição que ocupava no grupo de Jesus. E denunciam a tendência de exclusão das mulheres como agentes no processo salvífico, além de manifestar a contestação invejosa de Pedro. Evidencia-se o interesse de Pedro e a disputa de poder com respeito à primazia no apostolado.

No texto canônico Lucas narra esse fato ao falar da eleição do décimo segundo apóstolo, baseando no “jogo da sorte”, em At 1.21-22-26. Para Pedro a pessoa a ser escolhido dever ser um dos homens que acompanharam Jesus desde o começo. Em I Co 15, Paulo também silencia o testemunho de Maria Madalena e de outras mulheres. Situação crescente na última década do primeiro século, num processo de exclusão das mulheres do cristianismo primitivo (Reimer, s/d: p.54-55).

A pesquisa feita nos escritos apócrifos, como o *Evangelho de Mani*, de *Maria Madalena*, de *Tomé* e de *Filipe*, além do *Diálogo do Salvador* e *Pistis Sophia*, complementam a imagem dos sinóticos revelam que a importância de Maria Madalena no cristianismo primitivo, similar a de Pedro. Ela aparece como apóstola dos apóstolos: ela os consola, admoesta, e faz com que saiam para anunciar o Evangelho.

O Evangelho de Mani

O *Evangelho de Mani* descreve que Maria Madalena e outras mulheres vão ao sepulcro para embalsamar Jesus. Ele conversa muito com ela. Entre outras coisas disse-lhe:

Maria, Maria, reconhece-me... Eu não apareci para ti, até que vi tuas lágrimas e teu sofrimento. Lança fora esta tristeza e realiza este serviço (leiturgia): Sê minha mensageira para estes órfãos errantes [outros discípulos], (Reimer, s/d.: 55).

Jesus diz tudo o que ela deveria contar aos discípulos/as, e se não acreditassem, deveria chamar Pedro para junto de si e lembrá-lo das coisas que Ele lhe havia falado no Monte das Oliveiras.

O Diálogo do Salvador

No Diálogo do Salvador, escrito no século II, realizado entre o Senhor e seus discípulos e discipulas. Maria Madalena é a mulher que conhecia o Todo. Ela tinha consciência de seu desejo de saber e aprender os ensinamentos de Jesus.

Perdoa que te pergunte, Senhor, e não te aborreças por meu afã de tudo saber, (Faria, 2004:143).

Seu pecado foi o de saber demais. Ela responde algumas perguntas com inteligência invejável. O próprio Senhor, ao ouvir a resposta a uma pergunta, diz: Você torna clara a abundância do revelador!. Maria é a pessoa que compreende o seu ensinamento. Ela foi escolhida juntamente com Tomé e Mateus para receberem ensinamentos especiais de Jesus. No entanto, ela tem preferência em relação a eles.

O Evangelho de Filipe

Esse evangelho é tem a data da metade do século II e segunda metade do século III d.C. Uma compilação valentiniana, onde “Maria é mencionada como uma das três Marias que andaram com o Senhor que a chama de companheira dele”. A palavra grega *koinonos*, usada para descrever Maria Madalena, traduzida como companheira, mas é mais bem traduzida como cônjuge ou consorte, uma mulher com quem um homem já teve relacionamento sexual.

Mas Cristo a amava mais do que à todos os outros discípulos e a beijava na [boca] com freqüência. Os demais discípulos se ofenderam e expressaram sua desaprovação. Disseram-lhe:

___ Por que a amas mais do que a todos nós?

O Salvador respondeu, dizendo-lhes:

___ Por que eu não vos amo como a ela?, (Idem : 143)

No evangelho de Filipe, a união espiritual de Jesus e Maria Madalena é comparada a sexualidade humana. O tema do texto é comum a outros escritos gnósticos e cristãos: os problemas humanos causados pela diferenciação dos sexos surgida da separação de Eva e Adão, onde se destruiu a unidade original. O relacionamento de Cristo Maria Madalena simboliza essa união espiritual perfeita. Ela recebe tratamento especial que deixa os outros discípulos enciumados, principalmente Pedro. Além de afirmar que o Senhor a amava mais que todos os discípulos e a beijava na boca freqüentemente. O beijo simboliza a recepção de um ensinamento espiritual, como Jesus afirma:

[E quando] a palavra sai desse lugar, ela é alimentada pela boca e se torna perfeita. Pois é por um beijo que os perfeitos concebem e dão à luz. Por esse motivo também nós nos beijamos uns aos outros. Recebemos a concepção a partir da graça que está uns nos outros, (Ibidem : 139-140).

Para os *gnósticos*, a união entre o masculino e feminino era vista numa esfera espiritual de superação da divisão corpórea. Jesus e Madalena eram vistos como exemplo dessa integração. O beijo entre eles era a expressão desse desejo espiritual. Comunicava saber, um se transformava no outro. E por isso, Madalena era capaz de transmitir os ensinamentos do Mestre e amado. Quando os outros discípulos fazem objeções, ao evidente favoritismo a Maria Madalena, Jesus responde dizendo que eles deveriam procurar ser amado como ela, ou seja, procurar a perfeição espiritual que ela alcançou.

Pistis Sophia (Fé e Sabedoria)

É um dos poucos textos encontrados antes dos escritos achados em *Nag Hammadi*. É datado no século III, e apresentam o diálogo entre Jesus, Maria Madalena, Maria a mãe de Jesus, Salomé, Marta e os Onze. Nele há 46 perguntas dos discípulos a Jesus, após a sua ressurreição, onde 36 é de Maria Madalena. Suas perguntas são cheias de vigor e paixão pelo ensinamento. Nesse escrito, está presente o conflito entre Madalena e Pedro.

Pedro se queixa em nome dos discípulos do domínio Madalena tinha da conversa, sobre a queda de *Pistis Sophia* do reino da Luz, impedindo-os de falar. Mas Jesus o

repreende. E mais tarde, Maria Madalena diz a Jesus que tem medo de Pedro: Porque ele costuma me ameaçar e odeia o nosso sexo. Jesus lhe responde afirmando que quem quer que se inspire no espírito divino pode tomar da palavra, dando a entender que a inspiração anula a diferença de sexo e reiterando o tema da androginia presente no evangelho de Filipe. Ela chora maravilhada com as exigências do mestre, e implora piedade. Chora com os discípulos e por eles, para que Jesus tenha piedade deles, por não compreender seus ensinamentos. É uma mulher pneumática, a única a receber esse título entre os *gnósticos*. Ela é cheia do Espírito Santo e guiada por ele.

O Evangelho de Tomé

Esse evangelho foi escrito por volta do ano 140, sendo as parábolas do ano 50 d. C., este evangelho, é composto de 114 ditos de Jesus, que revela como um Jesus revolucionário, contrário ao Império Romano, e um Jesus *gnóstico*, que propõe a integração entre o ser humano e Deus. A busca deste conhecimento como caminho de Salvação. No evangelho de Tomé, Maria Madalena é citada duas vezes e Jesus promete dar orientação especial a ela.

No (*Logion* 21), ela pergunta a Jesus a quem se parecem os discípulos?
Ele respondeu: Eles so semelhantes a meninos
que penetraram em um campo que não lhes pertence
No (*Logion* 114), Disse-lhe Simão Pedro:
Maria deve afastar-se do meio de nós
Porque as mulheres
Não são dignas da Vida, (Leloup, 1998: 83: 211).

Em resposta ao pedido de Pedro para excluí-la do círculo dos discípulos, ele diz: “Eu a guiarei para fazer dela homem, de modo que possa se tornar um espírito vivo semelhante ao de vós homens. Pois toda mulher que se fizer homem entrará no reino dos céus” (Idem:211).

O Evangelho de Maria Madalena

O evangelho de Maria é um texto do início do século II, encontrado em *Nag Hammadi*. É datado por volta do ano 150 d.C. Nele encontramos referências aos apóstolos André, Levi e Pedro. Maria Madalena é a apóstola que possui os ensinamentos de Jesus e que dialóga teologicamente com os apóstolos. Esse evangelho foi escrito

possivelmente pela comunidade que se formou em torno à sua liderança. Nele, Maria Madalena recebe um ensinamento especial do Senhor, e atua como líder entre os discípulos após a sua ressurreição e tem uma consideração especial dele. Ela conforta os discípulos aflitos e os anima procurando voltar seus corações para a discussão das palavras do Salvador.

O evangelho fala da revelação especial que o Senhor fez a ela. Uma visão que continha uma doutrina avançada acerca da natureza da experiência visionária e do itinerário da alma após a morte. A pedido de Pedro, ela passa este ensinamento aos outros discípulos/as. O evangelho de Maria Madalena ilustra o seu papel de apóstola dos apóstolos, onde é retratada como profetisa, mestra e apoio para os outros discípulos/as.

Revela sua liderança, contrapondo sua força e caráter de maturidade espiritual ao medo, ignorância e medo dos outros discípulos. Ela mantém a compostura enquanto os outros discípulos e discipulas choravam e temiam por suas vidas, caso sássem para evangelizar. Na visão que ela teve, o Salvador a louva por não temer ao vê-lo. Os outros discípulos sentem ciúmes e discutem o fato de o Salvador amá-la mais que eles, assumindo sua tarefa de líder, (Faria, 2005:130).

O evangelho de Maria a eleva ao modelo de liderança cristã baseada em maturidade espiritual e intuição profética. Por ter alcançado a maturidade espiritual é que ela é capaz de ensinar aos outros/as e cuidar deles/as.

Evangelho de Nicodemos

Esse evangelho foi escrito no século V d.C. Ele apresenta o sofrimento de Maria Madalena pela morte e crucificação de Jesus e a sua decisão de levar ao conhecimento do Império Romano e ao mundo as atrocidades cometidas por Pilatos e os ímpios judeus. Quem fará ouvir essas coisas em todo mundo? Irei a Roma, sozinha, para falar com César e o farei saber quão grande foi o mal feito por Pilatos, ao concordar com os judeus injustos (Faria 2005: 130).

Ordem Eclesiástica Apostólica

Esse texto é do final do século II d.C. E conta à história de Maria Madalena, que por ser mulher, não poderia assumir o ministério sacerdotal, segundo a conclusão dos discípulos. O texto diz: Quando o Mestre abençoou o pão e o vinho, e fez o sinal sobre eles/as com as palavras: Esse é o meu corpo e meu sangue, ele não os ofereceu às

mulheres que estão conosco. Marta disse: Ele não os ofereceu a Maria, pois viu-a rindo. Mas disse: Já não rio mais. Outrora, quando ensinava, ela nos disse: É pela força que se redime a sua fraqueza, (Faria 2005:135-136).

O conflito de liderança

O evangelho de Maria Madalena traz o tema da liderança da mulher, ao falar da controvérsia entre os discípulos a respeito do exercício da liderança. No relato, ela ensina os outros discípulos e discípulas acerca da revelação, e André e Pedro a questionam. André insinua que seus ensinamentos são estranhos, mas Pedro vai além, e pergunta se o Salvador preferira as mulheres a eles. Ao questionar Pedro é condenado por Levi, que assegura que o Senhor a amava mais por boas razões.

Pedro revela um ciúme que permite que ele compreenda os ensinamentos de Madalena. Ele está obcecado com a perda de prestígio, por ser instruído por uma mulher, e não aprender seu ensinamento. O Evangelho de Maria Madalena apresenta a liderança feminina no cristianismo primitivo. Ao insistir que a autoridade deve basear-se na maturidade espiritual e não em distinção de gênero abre-se a possibilidade de um espaço que não é determinado pelo gênero, onde a mulher e o homem podem exercer a liderança que visa, ensinar, pregar e exercer a solicitude pelos outros.

A controvérsia com os outros discípulos, especialmente Pedro aparece no *Evangelho de Tomé*, *Filipe* e em *Pistis Sophia*, demonstra que ela debatia acerca de várias questões, inclusive a importância da experiência visionária, a legitimidade da liderança das mulheres e o sentido do ensinamento de Jesus. O seu nome aparecer em primeiro lugar nos escritos primitivos e nos sinóticos comprova que se recorriam a Maria Madalena como a Pedro e Paulo. Desta forma, evidencia-se que sua importância vai além da que transparece nos canônicos.

Diante das tradições de Maria Madalena, a ausência de seu nome nos textos de Atos assume um significado diferente e surge a pergunta: Qual seria o motivo dessa ausência? Alguns autores entendem que esta ausência não é descuido, mas estratégia para excluir as mulheres de posições de liderança apostólica. Já que a teologia cristã primitiva que apoiava a liderança feminina estava ligada ao nome seu nome. A sua exclusão combateria essas teologias que circulavam com o nome de Madalena.

O evangelho de Maria Madalena demonstra permite compreender como seriam essas teologias. A identidade cristã era independente de papéis de gênero, do sexo e da função de gerar filhos/as. E o acesso a Deus era possível ao ser humano através do Espírito Santo. A liderança poderia ser exercida por quem era avançado espiritualmente, o que era concedido a todos/as livremente, sem a necessidade de uma ordem fixa e hierárquica. Compreendia-se que Jesus mestre e mediador de sabedoria, diferentemente de juiz e governante. A reflexão teológica era centrada na sua ressurreição e não no sofrimento como expiação pelo pecado.

Considerações Finais

A violência simbólica, definida por Pierre Bourdieu como a instauração de uma mentira no lugar da verdade, é uma das maiores violências que podem ser exercidas contra grupos ou individualidades, porque implica num trabalho permanente inscrito no corpo de setores sociais contra os quais é exercida, (Dewey, 1988:25)

A figura de Maria Madalena foi submetida, na tradição cristã, a uma dessas violências simbólicas que não respeitou a verdade de seu ser, de tal maneira que em alguns setores eclesiais, a mulher, cuja existência conhecemos pela tradição teve sua identidade roubada. Com o roubo de sua identidade, e a violência exercida sobre Maria Madalena, outras mulheres foram dominadas ao longo das gerações. Ela passou a ter a imagem do pecado sexual que não se deve cometer.

Institui-se a violência simbólica através da adesão que o dominado se sente obrigado a conceder ao dominador (por conseguinte, à dominação) quando não dispõe... para imaginar a relação que tem com ele, de outro instrumento de conhecimento que aquele compartilha com o dominador e que, ao não ser mais que a forma assimilada da relação de dominação faz com que essa relação pareça natural. (Dewey 1988: 119-120).

Nos primeiros anos do cristianismo Maria Madalena foi uma mulher significativa entre homens e mulheres que seguiam Jesus. Sua liderança foi reconhecida, como mostram os relatos dos evangelhos da paixão e ressurreição de Cristo, e nos livros Apócrifos Gnósticos da Biblioteca de *Nag Hammadi*. As informações que temos são poucas e se referem ao evento e à mensagem de Jesus. Entretanto, a partir dos dados descritos nos Evangelhos Sinóticos e nos Apócrifos Gnósticos, sintetizamos sua biografia. Maria Madalena quebra o paradigma da família patriarcal. Ao quebrar a estrutura patriarcal, Maria Madalena e Jesus abrem caminho para outras mulheres que

desempenharam papel semelhante na igreja primitiva. Mulheres que atuavam como discípulas e apóstolas e com uma importância singular para que o Evangelho chegasse até os nossos dias.

Referências bibliográficas

BENTLEY, Layton. *As escrituras Gnósticas*. Trad. Margarida Oliva. Edições Loyola, 2002.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição revista e atualizada no Brasil.

DEWEY, Joanna. *Das Histórias Orais ao Texto Escrito*. In: Concilium. N° 276, 1988. 27-37p.

FARIA, Jacir de Freitas. *A vida secreta dos apóstolos e apóstolas à luz dos Atos dos Apócrifos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *As origens apócrifas do cristianismo: comentário aos evangelhos de Maria Madalena e de Tomé*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

REIMER, R. Ivoni. *Lembrar, transmitir, agir: mulheres nos inícios do cristianismo*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis.

RICHARD, Plabo. *As diversas origens do cristianismo: Uma visão de conjunto (30-70 d.C.)*. Revista de Interpretação Bíblica Latina Americana, 1995.

SEBASTIANI, Lilia. *Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida*. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1995.